

Sodré diz a Howe que

Dívida Ext

Jornal de Brasília

dívida tem limite

Humberto Netto
Enviado Especial

Nova Iorque — O Brasil não pode destinar mais que 2,5 por cento de seu Produto Interno Bruto para arcar com as obrigações relativas à sua dívida externa, sob pena de colocar em sério risco o plano de estabilidade econômica implantado pelo presidente José Sarney. Este recado foi transmitido quarta-feira pelo chanceler Abreu Sodré ao secretário de Estado do Reino Unido, Geoffrey Howe, durante as conversações que mantiveram no salão sul do edifício-sede das Nações Unidas. Sodré disse também que para o Governo brasileiro é fundamental que países como a Grã-Bretanha retomem o fluxo de investimentos no País e rejeitou a possibilidade de o Brasil vir a se submeter aos ajustes econômicos aconselhados pelo Fundo Monetário Internacional. Na opinião do chanceler, eles constituem um "receituário recessivo" e enfatizou que "não podemos aceitar regras ou fórmulas que impliquem em prejuízos ao crescimento econômico que o País vem alcançando".

Ao falar com Howe, Sodré lamentou o fato de que nos últimos anos a Grã-Bretanha praticamente tenha congelado seus investimentos no País, apesar de figurar como a quinta entre aquelas nações que mais investem no Brasil. Sodré mostrou-se preocupado não pela redução isolada dos investimentos britânicos, mas levando em conta o fato de que mais que uma exceção esse procedimento está se constituindo em uma regra. A apreensão do chanceler se baseava em dados concretos publicados quarta-feira pela imprensa brasileira, segundo os quais as aplicações de capital estrangeiro no Brasil somaram apenas 15 milhões de dólares no primeiro semestre deste ano e a previsão nada otimista do Banco Central é de que ao final de 1986 não mais que 70 milhões de dólares serão aplicados no País pelos investidores estrangeiros. Para se ter uma idéia do que esses números representam, basta lembrar que nos últimos doze anos, ou seja, mesmo no auge da recessão, o Brasil sempre conseguiu atrair, mas mais de 650

milhões de dólares/ano em capital de risco e externo, em termos líquidos. Por isso, nada mais natural que, ao entrevistar-se com Geoffrey Howe, Abreu Sodré tenha lamentado que "a Grã-Bretanha perdeu importante espaço no mercado brasileiro de investimento e tecnologia", ao mesmo tempo em que mostrou-se confiante em que "agora que já temos no Brasil as condições necessárias à retomada do fluxo das aplicações de capital estrangeiro, esperamos que o capital britânico retorne ao nosso País".

Além de mostrar a Howe que hoje, com as medidas de ajuste econômico o Brasil voltou a ser uma boa opção de investimento, o ministro Sodré acentuou ao seu interlocutor que o Governo brasileiro não vai se submeter às regras ditadas pelo FMI para acertar a renegociação de sua dívida externa. Nesse contexto, Sodré disse a Howe que "o imaginável para nós será comprometer apenas 2,5 por cento do nosso Produto Interno Bruto para honrar os compromissos de nosso débito". Segundo o titular do Itamarati, "apenas através do crescimento econômico poderemos saldar nossos débitos, e, em hipótese alguma, podemos aceitar regras que impliquem em prejuízos ao crescimento que o nosso País vem alcançando".

Polido, o ex-ministro das Finanças e atual chanceler da Grã-Bretanha evitou comentários mais profundos sobre as posições defendidas pelo ministro Sodré. Ele preferiu se referir à viagem que realizou ao Brasil (que considerou "muito importante") e lembrar que vem acompanhando "com grande interesse" o programa brasileiro de estabilidade econômica, os esforços destinados ao controle da inflação e a manutenção de bons resultados na balança comercial do País. E o máximo que ele se permitiu dizer foi que considera importante a existência de boas relações entre o Brasil e o FMI, na medida em que esse bom relacionamento ajudará na busca de um acordo entre o país e seus credores que integram o clube de Paris.

(Do enviado especial)